

## A INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS – REFLEXÕES SOBRE A EVOLUÇÃO DE UMA PROFISSÃO (UM ENSAIO)

Marco António Cerqueira Mendes Furtado

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Instituto Politécnico do Porto

Portugal

[marco.acm.furtado@gmail.com](mailto:marco.acm.furtado@gmail.com)

### Resumo:

A interpretação de línguas é um processo complexo de comunicação em que intérpretes viabilizam a interlocução entre dois ou mais falantes de idiomas diferentes. Este mesmo processo poderá ocorrer em modos distintos e em vários cenários, como por exemplo simultânea e/ou consecutivamente em reuniões de pequenas dimensões, conferências multilíngues, etc.

Devido ao desenvolvimento de meios tecnológicos sofisticados, a possibilidade de comunicação à distância teve, por sua vez, um grande impacto na prática da profissão de interpretação: surge a interpretação remota como modalidade alternativa à forma mais tradicional da interpretação *in situ*. Sendo assim, a própria tecnologia torna viável o distanciamento físico do intérprete dos seus interlocutores. Esta forma de interacção mais impessoal e menos directa tem vindo a causar relutância por parte dos profissionais de interpretação face a esta modalidade de trabalho mais recente. Uma das razões que levam a esta atitude menos positiva será o facto de os intérpretes considerarem que os meios tecnológicos nem sempre são capazes de transmitir os elementos não-verbais tal como uma situação de comunicação presencial. Todos estes factores poderão, consequentemente, comprometer significativamente a qualidade das tarefas interpretativas realizadas em circunstâncias de interpretação remota.

Torna-se pertinente a reflexão sobre a prática desta indispensável profissão em constante evolução, fenómeno este que tem vindo igualmente a ter um impacto

significativo nas estratégias pedagógicas no âmbito da formação de alunos-intérpretes. Será este o principal objectivo deste ensaio.

**Abstract:**

Interpreting involves a complex communication process in which speakers of at least two different languages are able to understand each other when they call in an interpreter. This communication process may occur in different modes and scenarios, as for instance simultaneously and/or consecutively in small meetings, large scale multilingual conferences, etc.

Due to the development of sophisticated technological means, the viability of communicating by distance mode has also had a strong impact on the interpreters' working habits: remote interpretation appears as a new modality and at the same time as an alternative to the traditional form of on-site interpreting. Thus, the physical displacement of interpreters from a closer range to their interlocutors is nowadays a possibility. This less personal and direct way of interaction has caused some reluctance among professional interpreters towards these recent working methods. One of the reasons pointed for this less positive attitude is the fact that interpreters consider that the technology applied under these working conditions is not always capable of conveying non-verbal elements in the same way as a communication setting in presence. All these factors may therefore compromise significantly quality standards of remote interpretation tasks.

The constant evolution of this indispensable profession is a phenomenon which has also had to a certain extent an impact on pedagogical strategies of interpreter training. Reflecting on this is certainly of the utmost importance. That is the main objective of this essay.

**Palavras-chave:** interpretação *in situ*, interpretação remota, qualidade, desempenho, formação em interpretação.

**Keywords:** On-site interpreting, remote interpreting, quality, performance, interpreter training.

A interpretação é uma profissão altamente qualificada e especializada que, em primeiro lugar, exige aos respectivos profissionais o domínio de dois ou mais idiomas, um vasto conhecimento sobre as culturas das respectivas línguas de trabalho, a capacidade de analisar e sintetizar informação, competências comunicativas, a facilidade de falar em público, etc. São, certamente, requisitos fundamentais e indispensáveis. Visto de uma forma simplista, o papel do intérprete é pronunciar na língua do seu público-alvo um discurso cujo conteúdo seja equivalente e idêntico ao discurso original numa língua diferente.

À primeira vista, neste processo de comunicação, o intérprete servirá como o elo de ligação entre dois ou vários falantes de línguas diferentes; compete-lhe fazer com que essa barreira linguística seja ultrapassada. Contudo, o papel do intérprete não se restringe apenas a esta função de mediador linguístico. Este processo de comunicação muito específico e próprio da interpretação poderá ser muitas vezes *per se* um processo complexo, no qual poderão surgir as mais variadíssimas dificuldades. Entre falantes de línguas diferentes, oriundos de países diferentes, existe não apenas a referida barreira linguística, mas poderá haver um vasto leque de outras condicionantes e fronteiras que terão que ser ultrapassadas: os problemas de comunicação poderão igualmente surgir devido a diferentes mundividências, diferenças de concepções culturais e/ou sociais, que podem dificultar a própria comunicação.

Será neste aspecto que o intérprete tem um papel importantíssimo: por um lado, terá que lidar com diversos problemas de traduzibilidade, i.e., ouvir, compreender, eventualmente tirar apontamentos, analisar ideias numa determinada língua original, etc. e transpor essas ideias para um determinado idioma de chegada. São diversas as tarefas que terão de acontecer num curto espaço de tempo. Por outro lado, as dificuldades de comunicação ultrapassam as dificuldades de tradução, devido às barreiras sociais e culturais supramencionadas e próprias de todo o processo de comunicação. Consequentemente, neste curto espaço de tempo em que o intérprete realiza o seu trabalho, a transposição palavra por palavra de uma língua para outra não é viável. Muitas

vezes, fará chegar ao seu ouvinte ou público-alvo uma mensagem idêntica à mensagem pronunciada numa determinada língua original e, sendo necessário, alterará essa mensagem original, sem modificar o conteúdo essencial dessa mesma mensagem.

Isto não significa obviamente que o intérprete possa transmitir a mensagem original pronunciada por determinado orador de qualquer forma, alterando o discurso livre e arbitrariamente, principalmente quando recorre a explicações. Pelo contrário, a mensagem reproduzida pelo intérprete deverá manter-se fiel, tanto quanto possível, à mensagem original.

O campo de intervenção do intérprete abrange vários contextos: realiza o seu trabalho, servindo como mediador, por exemplo, numa conversa telefónica, num consultório médico, numa esquadra de polícia, num tribunal, numa reunião de negócios, em conferências ou congressos bilingues e/ou multilingues de grandes dimensões, ou em instituições ligadas à política, tais como o Parlamento Europeu, a Organização das Nações Unidas, etc.

Um bom serviço de interpretação envolve diversos factores, tais como a perfeita coordenação entre organizadores, oradores, técnicos de som e/ou imagem e, naturalmente, os intérpretes. O número de intérpretes a contratar para as situações acima referidas depende do número de línguas de trabalho, duração das reuniões e/ou conferências, etc. Nestes eventos e, em particular, quando as conferências têm uma duração substancial, recorre-se muitas vezes à contratação de vários intérpretes, para garantir a qualidade e o sucesso do desempenho.

Por estes motivos, o intérprete deverá não só ter um conhecimento aprofundado de idiomas e a capacidade de compreender pessoas oriundas de diferentes contextos culturais e sociais, mas deverá também dispor de conhecimentos sobre uma vasta gama de assuntos e temas, mesmo sobre os mais técnicos. Contudo, o sucesso do intérprete e da conferência em que ele participa dependerá obviamente também da sua preparação prévia dos temas a serem tratados em determinados eventos, através de leituras, consultas de glossários e, se possível, de prelecções já anteriormente proferidas, etc. Além disso, deverá ter presença e postura, ter capacidade de trabalho em equipa, ser perseverante e ser capaz de lidar da melhor forma com situações de fadiga, *stress* ou qualquer problema que possa impedir um desempenho de qualidade elevada.

O processo de interpretação consiste, portanto, essencialmente na transposição de uma mensagem oral proferida numa determinada língua de partida para um outro idioma de chegada. Envolve, geralmente, um emissor ou vários emissores e um ou vários receptores dessa mesma mensagem que não comunicam no mesmo idioma. Nesta díade da comunicação surge o intérprete como elo de ligação entre os interlocutores, i.e., como mediador intercultural, que viabiliza a comunicação entre os intervenientes deste mesmo processo. Dependendo do cenário da sua intervenção, o intérprete poderá exercer a sua actividade profissional nas duas formas de trabalho, i.e., através da interpretação consecutiva e/ou simultânea. A primeira variante é, geralmente, utilizada em situações de acompanhamento em reuniões de negócios, no serviço comunitário, etc., enquanto a segunda servirá os seus objectivos em congressos multilíngues de maiores dimensões, etc.

Dever-se-á igualmente salientar que o processo de interpretação não é simplesmente um acto em que determinada mensagem é transposta palavra por palavra para uma língua alvo. É, sobretudo, um processo de comunicação que requer diversas competências, aplicadas a cada contexto e situação nos distintos campos de intervenção dos seus profissionais.

As duas principais formas de interpretação anteriormente mencionadas, a interpretação consecutiva e a simultânea, são ambas aplicáveis tanto à interpretação *in situ* como à interpretação remota. Como tal, poderemos partir do princípio que tanto uma reunião de pequenas dimensões como uma conferência multilíngue de grandes dimensões podem ser interpretadas à distância, i.e., remotamente, ou envolvendo profissionais de interpretação que estejam a realizar o seu trabalho no local do evento.

Tal como a própria designação indica, entende-se por interpretação *in situ* a modalidade de interpretação na qual o intérprete se encontra fisicamente presente no mesmo local onde está a decorrer determinado evento, no qual ele intervém no desempenho das suas funções. Os cenários podem ser variadíssimos. O intérprete pode estar na mesma sala, sentado à mesma mesa de reunião com os restantes intervenientes – será este o contexto, ou seja, o local em que o intérprete se encontra mais próximo dos oradores. Ou o intérprete poderá encontrar-se a realizar a sua tarefa dentro de uma cabina de interpretação. Também neste cenário poder-se-ão verificar várias situações. A cabina poderá estar localizada de forma a que o intérprete possa ter uma boa visão tanto do

orador como do público-alvo. Embora seja muito raro, poderão também existir cenários em que o orador possa ter uma visualização mais directa do intérprete. Com esta localização das cabinas estaríamos perante uma situação com condições ideais que facilitariam significativamente o trabalho do intérprete, tendo em conta os aspectos interactivos das situações comunicativas. No entanto, numa situação mais convencional, as cabinas poderão estar situadas de tal forma que o orador e/ou público-alvo estejam fora do alcance do campo visual do intérprete. Neste caso, poderá ter o auxílio de pequenos monitores, em que é focado o *rostrum* da pessoa que, em determinado momento, tem a palavra.

Ainda que neste contexto seja referida apenas a esta modalidade de interpretação *in situ*, constata-se que, tendencialmente, o desenvolvimento e melhoria das condições físicas e dos meios tecnológicos tornaram viável o afastamento do intérprete de uma localização muito próxima do orador. Embora já tenham sido criados equipamentos de interpretação simultânea que datam de finais da década de 20, poderemos considerar os Julgamentos nos Processos dos Tribunais de Nuremberga, em 1945, como o primórdio e evento ex libris da modalidade de interpretação simultânea. No entanto, é na era digital da globalização e das novas tecnologias em que surge a possibilidade da interpretação remota. Trata-se de uma modalidade de interpretação bastante recente que é viável com o avanço tecnológico. Destaca-se a viabilidade de o intérprete ficar deslocado do local de intervenção dos seus interlocutores, i.e., oradores, delegados, assembleia, etc., precisamente pelo facto de as tecnologias o permitirem. Esta variante tem fundamentalmente como ferramenta base o computador e serve-se de vários recursos, tais como, por exemplo, a áudio e/ou a videoconferência, ou mesmo a teleconferência.

As formas de interpretação à distância, porém, não se referem apenas ao contexto da tele ou videoconferência, tendo como suporte a transmissão conjunta de sinais provenientes de canais áudio e vídeo. No âmbito desta modalidade, os serviços de interpretação também são aplicados em muitos países, dentro do contexto de serviços à comunidade, nomeadamente à interpretação via telefone, ou seja, a audioconferência.

Contrastando as modalidades de interpretação *in situ* e remota, poder-se-á assegurar que a diferença fundamental entre ambas as formas de trabalho consiste no seguinte: enquanto na interpretação *in situ* o intérprete está fisicamente presente no local da reunião,

da conferência, etc., e poderá ter algum contacto visual arbitrário do orador, dos participantes desse evento, etc., tal não se verifica na interpretação remota. Neste caso, o intérprete encontra-se isolado dos outros intervenientes da situação comunicativa e não tem qualquer contacto visual directo com os mesmos.

A relutância face à interpretação remota observada na comunidade dos intérpretes profissionais estará certamente relacionada com diferentes formas da comunicação interaccional, subjacentes às próprias diferenças entre estas modalidades de interpretação. Ou seja, isto deve-se ao facto de estas formas de trabalho poderem ter um impacto diferente no processo de comunicação da própria interpretação.

Dever-se-á salientar que a pressão psicológica à qual os intérpretes estão sujeitos durante o exercício da sua actividade profissional não é algo que seja apenas característico da modalidade de interpretação remota. Existem diversos factores que *per se* podem causar igualmente aumentos substanciais da carga cognitiva e dos respectivos esforços na variante de interpretação *in situ*. Estas situações poderão surgir durante a realização de tarefas interpretativas de textos mais complexos, eventualmente proferidos a velocidades acima de um ritmo normal de fala, com números, etc.

Contudo, é face à interpretação remota que os intérpretes profissionais têm revelado uma atitude menos positiva e de relutância. Vários estudos comparativos realizados no âmbito de diversas instituições oficiais têm considerado, de uma forma geral, que esta é, de facto, a variante que causa níveis mais elevados de *stress*, fadiga, irritabilidade, sentimentos de alienação, etc. Além disso, será igualmente nos ambientes desta forma de trabalho que os intérpretes terão adicionalmente de lidar com factores de ordem tecnológica, que, por sua vez, poderão comprometer o processo comunicacional e, como tal, toda a tarefa interpretativa.

Para muitos intérpretes profissionais poderá ainda ser impensável trabalhar longe do ambiente ou do local com o qual estão habitualmente familiarizados e no qual se sentem mais confortáveis, i.e., a modalidade de interpretação *in situ*. A interpretação remota continua, desta forma, a ser considerada uma variante em relação à qual muitos profissionais desta área sentem alguma relutância. Isto acontece por diversos motivos. O ambiente físico e o contacto interaccional sobrepõem-se a qualquer sensação de presença criada num ambiente virtual que, pelas suas características artificiais, poderá causar, por

sua vez, fortes sentimentos de isolamento e alienação. Nem sempre é garantido que haja um bom funcionamento dos meios tecnológicos e dos respectivos equipamentos utilizados nestas condições de trabalho, devido a frequentes falhas técnicas nas interpretações mediadas por tecnologia. Outra razão prende-se com o facto de estes mesmos meios tecnológicos, por mais sofisticados que sejam, nem sempre serem capazes de dar uma resposta positiva à falta de sensações de co-presença em ambientes virtuais próprios da interpretação à distância, pois essas sensações dependem muito de características individuais, comportamentais e socioculturais dos seus utilizadores.

Existem determinadas sociedades que eventualmente poderão valorizar de uma forma menos acentuada factores não-verbais e elementos como o afecto, a envolvência, a proximidade, etc. nos seus hábitos de comunicação interaccional. Além disso, o avanço tecnológico dos últimos anos criou efectivamente alternativas às tradicionais formas de comunicação, que em determinadas circunstâncias, ainda que artificialmente, tornam viável a experiência de formas de envolvência e de interacção semelhantes àquelas que encontramos nos tradicionais processos de comunicação. No contexto da interpretação verifica-se que tendencialmente apenas uma minoria dos profissionais desta actividade manifesta preferência pela modalidade de interpretação remota ou demonstra indiferença perante esta variante para o exercício da sua profissão. Porém, o facto de a maior parte dos intérpretes considerar a variante de interpretação *in situ* a forma de trabalho *par excellence*, e tendo em conta que a interpretação de línguas é, acima de tudo, um processo comunicacional, sugere que não haverá nenhuma forma de comunicação virtual, mediada por tecnologia, que possa ser exactamente igual ou possa substituir as características mais marcantes das formas convencionais de comunicarmos e interagirmos presencialmente uns com os outros.

A qualidade das condições físicas e tecnológicas terá certamente que ser melhorada, a fim de garantir as circunstâncias ideais para os intérpretes poderem exercer a sua actividade profissional a partir de locais remotos. Os meios tecnológicos deverão encarregar-se de eliminar determinados defeitos e perturbações na transmissão de meios audiovisuais e tentar solucionar os problemas referentes a factores que provocam as referidas sensações de isolamento e alienação aos intérpretes. As falhas das ferramentas e dos meios tecnológicos na modalidade de interpretação remota poderão ter como



consequência um maior distanciamento entre os intérpretes e os seus interlocutores, i.e., oradores, delegados, público-alvo, etc. Uma eventual resolução destes problemas poderá passar pela criação de cabinas virtuais que – nunca sendo iguais – sejam semelhantes aos espaços reais, com condições físicas idênticas, em que os intérpretes possam exercer a sua indispensável profissão. As gerações vindouras saberão muito provavelmente encarar de uma forma mais natural as condições de trabalho que envolvem toda esta parafernália tecnológica. Todavia, a definição da barreira entre os meios real e virtual estará provavelmente sempre ligada a questões de índole individual e pessoal.

Se não forem criadas estas condições, poderá haver sempre motivos que causarão, de alguma forma, renitência em relação à interpretação remota. Esta atitude menos positiva e pouco motivadora poderá ter uma influência negativa sobre o desempenho dos intérpretes e na qualidade do seu trabalho. Foram realizados testes e estudos, tanto no âmbito de projectos na Organização das Nações Unidas, na União Europeia, como no contexto da formação de intérpretes, com o objectivo de comparar as diferenças nas condições de trabalho entre as modalidades de interpretação *in situ* e de interpretação remota e analisar o impacto dessas mesmas variantes sobre factores humanos. Na realidade, os intérpretes queixaram-se de níveis mais elevados de fadiga, *stress*, irritabilidade, nervosismo, sentimentos de alienação, etc., provocados por falhas técnicas e pelo próprio distanciamento *per se*, na variante de interpretação remota. Nenhum destes factores permite ao intérprete uma interacção directa com os intervenientes, no processo comunicacional do ambiente remoto.

O projecto *AVIDICUS* tinha como objectivo o estudo da viabilidade de interpretações realizadas em diversos cenários *in situ* e com suportes multimédia, i.e., em condições das modalidades de interpretação remota ou através de videoconferência, no contexto jurídico-criminal. Outros projectos, tais como o *ETI-ITU* e o *3rd Remote Interpretation Test*, propunham-se igualmente comparar a qualidade das tarefas interpretativas realizadas e, ao mesmo tempo, compreender o impacto das diferentes condições de trabalho sobre factores humanos, em diferentes ambientes de trabalho, i.e., em condições de interpretação presencial e de interpretação à distância. As avaliações efectuadas mostraram resultados que, de uma forma geral, não pareciam significativamente distintos, em termos da qualidade das interpretações e do desempenho dos intérpretes.

Contudo, em processos de auto-avaliação, os intérpretes queixaram-se tendencialmente de uma baixa de rendimento na modalidade de interpretação à distância, devido aos factores supramencionados.

Este comportamento sugere que dever-se-á realmente reflectir sobre a qualidade dos trabalhos e do desempenho dos intérpretes de um ponto de vista objectivo. Os estudos acima referidos mostraram efectivamente a ausência de discrepâncias substanciais entre os trabalhos realizados nos dois ambientes observados, ou seja, o rendimento é praticamente muito idêntico e convergente. Dever-se-á, porém, ter em consideração as sensações que os intérpretes têm durante o exercício da sua actividade e que impacto e efeitos estas condições de trabalho podem causar no seu bem-estar, principalmente na modalidade mais recente da interpretação remota. Os intérpretes consideram geralmente que têm que fazer um esforço adicional para contornar os aspectos menos positivos desta modalidade de interpretação, de forma a garantir os mesmos padrões de qualidade alcançados nos trabalhos concretizados em ambientes de interpretação *in loco*. As condições acima referidas levam a crer que realmente o fazem, uma vez que as circunstâncias físicas da interpretação presencial poderão não ser as mesmas encontradas na modalidade de interpretação remota. Dever-se-á, assim, reflectir igualmente se o exercício da actividade em ambientes remotos não terá, a longo prazo, efeitos menos positivos na saúde dos intérpretes e, consequentemente, na qualidade dos seus trabalhos.

A preferência pela interpretação presencial basear-se-á provavelmente na sensação de um desempenho pior na interpretação à distância do que na *in situ*. Ainda que uma grande parte de intérpretes possa considerar a modalidade de interpretação *in loco* a variante preferida, poderá haver momentos na prática da profissão em que hajam sensações idênticas relativamente às condições físicas dos ambientes de trabalho distintos. Em alguns casos a projecção do *rostrum* do orador dará até uma certa vantagem à interpretação remota, na medida em que facilitará, por exemplo, a leitura labial em momentos em que poderão eventualmente ocorrer falhas na transmissão do som. De certo modo, isto nem sempre será possível na interpretação *in situ*, quando muitas vezes as cabinas de interpretação estão deslocadas dezenas de metros do orador. Se, concretamente nestes casos, as cabinas não estiverem equipadas com monitores que tornem viável esta forma de visualização do orador ou de outros intervenientes, e houver necessidade de

visualizar os mesmos, as tarefas dos intérpretes poderão estar igualmente comprometidas, pois terão apenas à sua disposição a informação proveniente do canal áudio.

Determinados comportamentos sugerem, portanto, que as sensações relativas a rendimentos nos dois ambientes poderão ser igualmente positivas, independentemente da avaliação objectiva da qualidade de tarefas de interpretação. Aliás, as observações e as conclusões de muitos trabalhos de investigação e de diversos estudos empíricos não são indicativas de resultados divergentes no que concerne à avaliação objectiva da qualidade das tarefas interpretativas. Dever-se-á, por isso, ponderar igualmente se a relutância demonstrada face à modalidade de interpretação remota por parte dos intérpretes profissionais anteriormente referida não estará relacionada com hábitos de trabalho em ambientes da tradicional interpretação *in situ*, por um lado, e, por outro, com ideias pré-concebidas contra esta mais recente modalidade de interpretação.

Por mais fascinante que possa parecer, a alteração de um paradigma já estabelecido e a implementação de uma nova modalidade causará sempre atitudes de receio, de desconfiança e de relutância, em qualquer área do mundo quotidiano que nos rodeia. No contexto da interpretação, foram observados comportamentos idênticos, aquando da introdução da interpretação simultânea como método complementar à, até então, forma tradicional de interpretação consecutiva. Esta transição sucedeu igualmente após a criação de equipamentos muito específicos para satisfazer novos objectivos, colocando novos desafios à comunidade dos intérpretes profissionais. Na era digital, o universo da interpretação vê-se novamente confrontado com formas alternativas para o exercício da sua actividade profissional. Caberá individualmente a cada intérprete optar pela modalidade que lhe dará mais conforto, pois a implementação de uma nova forma de trabalho não significa necessariamente o desaparecimento automático das variantes tradicionais.

Como já foi referido, comprovou-se de uma forma genérica por meio de diversos estudos empíricos a ausência de diferenças significativas entre o desempenho de sujeitos que realizaram as interpretações em ambientes de trabalho distintos. Não existindo, realmente, discrepâncias substanciais no que respeita à qualidade das tarefas realizadas na interpretação *in situ* e na interpretação remota, não teremos, por isso, chegado a um ponto, em que se poderá recorrer com mais frequência a esta modalidade mais recente? Apesar de

poder exigir um esforço adicional relacionado com as diversas problemáticas apontadas, esta modalidade poderá ser mais cómoda para os intérpretes, não tendo estes a necessidade de se deslocar e podendo até usufruir da possibilidade de exercer a sua profissão a partir de casa. Em tempos em que nos são impostas medidas de austeridade pelos nossos governos face à crise económica que actualmente atravessamos, poderá ser esta a variante de interpretação mais rentável em termos de recursos humanos para as instituições e clientes privados que organizam conferências multilíngues com serviços de interpretação. Existem já várias instituições e diversos projectos a lançarem-se no mercado, oferecendo serviços de interpretação à distância. A *Babelverse*, por exemplo, é uma empresa que tem vindo a desenvolver aplicações para *smartphones*, através das quais é viável efectuar interpretações à distância e/ou escutar interpretações de discursos que estejam a ser proferidos em determinada conferência. A *TYWI-Live Voice Translation* é outra instituição que utiliza *software* de reconhecimento de voz e de legendagem automática em tempo real, servindo-se de ferramentas e de recursos como memórias de tradução e aplicações de tradução automática. Essas mesmas ferramentas são aplicadas em teleconferências, onde os participantes terão a possibilidade de seguir comunicações num idioma a ser legendado e/ou igualmente interpretado à distância.

Parece ainda pertinente fazer uma reflexão sobre se as instituições de ensino superior que ministram cursos das áreas científicas da tradução e da interpretação não deveriam rever e incluir nos currículos curriculares formação no âmbito da interpretação à distância. Não indiferente aos novos desafios e necessidades encontradas no mercado da tradução e da interpretação, o ISCAP reestruturou a antiga Licenciatura Bictápica em “Línguas e Secretariado, Ramo de Tradução e Interpretação Especializadas”, com a criação da Licenciatura em “Assessoria e Tradução”. A génese deste curso ocorreu no ano académico 2006/2007, tendo o Curso de Mestrado em “Tradução e Interpretação Especializadas”, no qual foi implementada a unidade curricular “Interpretação Remota e de Teleconferência”, surgido no ano lectivo posterior.

No âmbito das unidades curriculares com conteúdos programáticos nesta área, será igualmente relevante para as instituições de ensino superior o investimento em mais práticas pedagógicas que incentivem tanto docentes como discentes a adoptarem métodos e processos de ensino-aprendizagem à distância. Será certamente legítimo sugerir a

utilização de ficheiros pré-gravados e a realização de exercícios de interpretação através de plataformas que não necessitam da presença física dos alunos em aula, podendo estes sistemas serem considerados metodologicamente válidos. São, certamente, métodos pedagógicos necessários para a formação nesta modalidade de interpretação, mais recente e inovadora. Nos dias de hoje, em que muitas instituições já dispõem dos recursos necessários para este método de formação à distância, deveremos repensar estratégias e apostar cada vez mais nas didáticas adequadas às necessidades da actividade profissional de interpretação.

Há que referir ainda que muitas questões sobre a adopção de metodologias pedagógicas e a prática da profissão de interpretação, em ambientes com recurso a meios tecnológicos, permanecem e muito possivelmente continuarão em aberto. Espera-se, contudo, que este ensaio constitua um contributo positivo para a investigação e reflexão sobre hábitos e métodos de uma modalidade inovadora de interpretação e sobre estratégias didáticas que tenham em vista a preparação dos formandos-intérpretes para os novos desafios que o mercado global de trabalho lhes coloca no século XXI.

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Paula & Cunha, Suzana. 2005. “Imagem com Som ou Som com Imagem?: Uma Experiência Laboratorial em Interpretação Simultânea”. *Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, n.º 14. São Paulo. 119-147.
- ALMEIDA, Paula, Furtado, Marco & Pascoal, Sara. 2009. “Formar Intérpretes à Distância: o Ensino da Interpretação Remota e de Teleconferência no ISCAP”. *Polissema – Revista de Letras do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto*, n.º 9. Porto: Polissema – Instituto Superior de Contabilidade e Administração Porto. 141-162.
- BACIGALUPE, Luis. 2009. *El procesamiento de la información durante la interpretación simultánea: un modelo en tres niveles*. Granada: Atrio.
- BAIGORRI-JALÓN, Jesús. 2000. *La Interpretación de conferencias: el nacimiento de una profesión – de París a Nuremberg*. Granada: Comares.

Furtado, Marco António Cerqueira Mendes – A interpretação de línguas – Reflexões sobre a evolução de uma profissão (Um ensaio) 211 - 226

BAIGORRI-JALÓN, Jesús. 2004. *Interpreters at the United Nations: A History (Translated from Spanish by Anne Barr)*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.

BRAUN, Sabine. 2011. “Recommendations for the use of video-mediated interpreting in criminal proceedings”. *Videoconference and Remote Interpreting in Criminal Proceedings*. In Sabine Braun & Judith Taylor (eds.). Guildford: Centre for Translation Studies, University of Surrey. 265-287.

BRAUN, Sabine & Taylor, Judith (eds.). 2011. *Videoconference and Remote Interpreting in Criminal Proceedings*. Guildford: Centre for Translation Studies, University of Surrey.

CAUSO, José. 2003. “La interpretación en el siglo 21: desafíos para los profesionales y profesores de interpretación”. *Nuevas tecnologías y formación de intérpretes*. In Jesús de Manuel Jerez (coord.). Granada: Atrio. 143-185.

CUNHA, Maria Clara. 2007. “Como convive a Interpretação com os Aspectos não verbais da Comunicação?”. *Polissema – Revista de Letras do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto*, n.º 7. Porto: Polissema – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. 151-158.

DUARTE, Pedro. 2008. *A Tecnologia no Ensino da Interpretação: Implementação da Unidade Curricular de Interpretação Remota e de Teleconferência*. Dissertação de Mestrado policopiada. Porto: Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.

European Parliament. 2005. *Report on the 3rd Remote Interpretation Test, 22.11 - 10.12.2005 – Study concerning the constraints arising from Remote Interpreting*. Brussels: European Parliament, Interpretation Directorate. Disponível em: [http://www.euractiv.com/29/images/EPremoteinterpretingreportexecutive\\_summery\\_tcm29-151942.pdf](http://www.euractiv.com/29/images/EPremoteinterpretingreportexecutive_summery_tcm29-151942.pdf) (última consulta: 05/07/2010).

FURTADO, Marco. 2011a. “A Interpretação Remota – Uma experiência pedagógica realizada no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (Curso de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas)”. *Traducir en la Frontera: Actas do IV Congreso AIEETI – 2009*. In Susana Cruces Colado, Maribel del Pozo Triviño, Ana Luna Alonso & Alberto Álvarez Lugris (eds.). Granada: Atrio. CD-ROM. ISBN 978-84-15275-07-7. 171-187.

FURTADO, Marco. 2011b. “Being there or being elsewhere: on site vs. remote interpreting – a case study within interpreter training environments”. *Actas do Congreso*

- Furtado, Marco António Cerqueira Mendes – A interpretação de línguas – Reflexões sobre a evolução de uma profissão (Um ensaio) 211 - 226  
*Internacional de Traducción e Interpretación CITI4 - Hacia Nuevos Horizontes*. Mexicali: Facultad de Idiomas de la Universidad Autónoma de Baja California. ISBN 978-607-607-020-8. 52-61.
- FURTADO, Marco. 2014. *A Interpretação In Situ e a Interpretação Remota – Realização e Análise Científica de um Conjunto de Estudos Experimentais*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Vigo, Espanha.
- GAIBA, Francesca. 1998. *The Origins of Simultaneous Interpreting: The Nuremberg Trial*. Ottawa: University of Ottawa Press.
- JIMÉNEZ SERRANO, Óscar. 2003. “La formación de intérpretes profesionales ante las nuevas tecnologías”. *Nuevas tecnologías y formación de intérpretes*. In Jesús de Manuel Jerez (coord.). Granada: Atrio. 187-201.
- JONES, Roderick. 2002. *Conference Interpreting Explained (2nd edition)*. Manchester/Northampton: St Jerome.
- KO, Leong. 2006. “Teaching interpreting by distance mode – Possibilities and constraints”. *Interpreting, volume VIII, no.1*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 67-96.
- MOSER-MERCER, Barbara. 2003. *Remote interpreting: Assessment of human factors and performance parameters – Joint project International Telecommunication Union (ITU)-Ecole de Traduction et d’Interpretation*. Université de Genève (ETI). Disponível em: <http://www.aiic.net/ViewPage.cfm/article879> (última consulta: 05/07/2010).
- MOUZOURAKIS, Panayotis. 1996. “Videoconferencing: Techniques and challenges”. *Interpreting, volume I, no. 1*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 21-38.
- Mouzourakis, Panayotis. 2006. “Remote interpreting – A technical perspective on recent experiments”. *Interpreting, volume VIII, no.1*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 45-66.
- RODRIGUES, Adriano. 2005. *A Partitura Invisível para a abordagem interactiva da linguagem*. Lisboa: Colibri.
- SANDRELLI, Annalisa. 2003. “Herramientas informáticas para la formación de intérpretes: Interpretations y Black Box”. *Nuevas tecnologías y formación de intérpretes*. In Jesús de Manuel Jerez (coord.). Granada: Atrio. 67-120.

Furtado, Marco António Cerqueira Mendes – A interpretação de línguas – Reflexões sobre a evolução de uma profissão (Um ensaio) 211 - 226

VARELA GARCIA, Mónica. 2010. “A interpretación nas Nacións Unidas: dende os seus albores ata hoxe en día”. *Inserción profesional d@s estudantes de tradución e interpretación*. In Luis Alonso Bacigalupe (ed.). Granada: Atrio. 27-39.

**Páginas da Internet:**

<http://www.translateyourworld.com> (última consulta: 01/12/2013).

<http://babelverse.com> (última consulta: 01/12/2013).